

Ler Nietzsche com Mazzino Montinari

Ernani Chaves*

Resumo: O presente artigo visa a apresentar ao público brasileiro as prescrições metodológicas indicadas por Mazzino Montinari para a leitura de Nietzsche, que se encontram expressas em “Ler Nietzsche: O Crepúsculo dos Ídolos”. Procura-se mostrar que estas prescrições decorrem de considerações do próprio Nietzsche a respeito do leitor que desejava para os seus livros. Elas implicam no estabelecimento de uma condição preliminar, de ordem filológico-histórica, para que possamos aceder à interpretação filosófica, sem que aquela se constitua numa substituta desta.

Palavras-chave: leitura – filologia – história.

À memória de Federico Gerratana**

A importância de Mazzino Montinari (1928-1986) para a pesquisa sobre Nietzsche a partir da década de 60 pode ser medida, entre outras, por duas declarações. A primeira, de Karl-Heinz Hahn, na época o diretor do Arquivo Goethe-Schiller de Weimar, onde estavam depositados desde 1950 os manuscritos de Nietzsche: a chegada de Montinari a Weimar, diz ele, “nos começos de 1961”, “inicia uma segunda fase nas pesquisas sobre Nietzsche” (Hahn 3, p. 1). A outra declaração está no

* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Pará.

** Federico Gerratana fazia parte da equipe de colaboradores que trabalhou com Montinari, principalmente na organização e edição da correspondência de Nietzsche. Quando, por motivos de saúde, o Prof. Wolfgang Müller-Lauter não pôde mais continuar dirigindo seu seminário, passamos a realizar nossos encontros no apartamento de Federico, em Berlin-Kreuzberg. Sua morte repentina interrompeu uma brilhante carreira intelectual. Não esquecerei sua amizade e seu jeito italiano de ser.

necrológico de Montinari escrito por Henning Ottmann. Ao lembrar que Montinari havia ganhado, em 1985, o prêmio “Friedrich-Gundolf para Germanística no Estrangeiro”, Ottmann acrescenta que o prêmio “foi um pequeno agradecimento a um germanista italiano, por aquilo que a filologia alemã não fora capaz de fazer” (Ottmann 11, p. 297). Ambas as declarações tocam num ponto em comum: com Montinari começou, de fato, uma nova etapa nas pesquisas sobre Nietzsche. Os resultados do seu esforço de pesquisador infatigável são, hoje, sobejamente conhecidos. O principal deles, a organização, ao lado do ex-mestre e amigo Giorgio Colli, da edição crítica e completa das obras de Nietzsche que, pela primeira vez, dava um tratamento adequado aos fragmentos póstumos ao ordená-los cronologicamente, integrando-os de maneira confiável à obra publicada e destruindo, de uma vez por todas, a lenda em torno da existência de uma obra com o título de *Vontade de Potência*. Além disso, ao lado de Wolfgang Müller-Lauter, Karl Pestalozzi e Heinz Wenzel, Montinari reorganizou, a partir de 1972, os *Nietzsche-Studien*, anuário internacional para a publicação dos resultados das pesquisas sobre Nietzsche, à maneira dos *Kant-* ou *Hegel-Studien*, ao mesmo tempo em que fundou e coordenou até a sua morte a coleção intitulada *Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung*, todos publicados pela mesma Walter de Gruyter que acolhera, após longos percalços, a publicação da edição completa e crítica⁽¹⁾. Acrescente-se a isso a organização e edição da correspondência e das inúmeras anotações para o *Zarathustra*, publicadas, finalmente, em 1991, trabalho que sua morte havia interrompido.

Entretanto, seria extremamente injusto reduzir a importância de Montinari a um trabalho meramente editorial. Ao lado dessa tarefa, tornou-se também um intérprete fundamental de Nietzsche, deixando-nos além de uma “Introdução” (Montinari 5 e 6) ao seu pensamento um número bastante elevado de artigos, ora escritos em alemão, ora em italiano e nem todos ainda publicados (Campioni 1). Se há um ponto em comum nesta vasta produção, ele diz respeito a um tema que ocupou Montinari sobremaneira: a de como “ler Nietzsche”. Questão fundamental para Montinari, que via na sua possível resolução um caminho

seguro de acesso ao controvertido pensamento de Nietzsche. Afinal, poucos filósofos no decorrer da História provocaram tantas controvérsias quanto Nietzsche. Controvérsias que ganharam relevância ímpar após o seu colapso psíquico e o trabalho de divulgação, mas também de falsificação e deturpação de sua obra, empreendido por Elizabeth Förster-Nietzsche. Com mãos de “empresária moderna”, a “irmã de Zarathustra”, título que ela mesma se atribuiu, Elizabeth Förster-Nietzsche transformou o nome e a obra do irmão num empreendimento acima de tudo lucrativo e contribuiu, de maneira decisiva, para sua apropriação pelo nazismo. Controvérsias que só faziam aumentar, na medida em que intérpretes tão importantes quanto Jaspers, Löwith, Heidegger, Fink, Kaufmann e Deleuze, continuavam utilizando-se, em maior ou menor medida, das edições pouco confiáveis dos fragmentos póstumos, publicadas por Elizabeth ou sob seus auspícios. Controvérsias, enfim, que faziam com que intérpretes tão distantes ideologicamente, como o nazista Alfred Baumler e o marxista Georg Lukács, acabassem por repetir os mesmos equívocos (Montinari 7, p. 169). Mas, a questão “ler Nietzsche” passou a ganhar, para Montinari, uma absoluta atualidade, em vista dos “novos nietzschianismos” que grassavam a partir da década de 60 e reconstruíam algo que lhe aterrorizava: um novo mito em torno de Nietzsche (Montinari 7, p. 1). Como ler Nietzsche tornou-se uma questão que não é menor, irrelevante, pois o próprio Nietzsche não desejava ser lido de qualquer maneira⁽²⁾.

O artigo que ora é publicado, o primeiro de Montinari no Brasil, nos dá uma amostra precisa do “método” de leitura proposto por ele. Trata-se de uma espécie de guia ao leitor de *Crepúsculo dos Ídolos*, de uma “Introdução” imprescindível, sem a qual parece que a obra nos escaparia. Em que consiste tal “método”? Ou, talvez, uma pergunta deva anteceder esta explicitação: qual o seu ponto de partida? Este é, sem dúvida, a crítica de toda interpretação que, por ignorar as prescrições do próprio Nietzsche à leitura de sua obra, incorriam em uma “dogmatização” ou, pior, em uma deturpação de suas idéias. A questão “ler Nietzsche” torna-se, assim, uma questão ancorada nas inúmeras declarações do próprio filósofo a respeito do leitor que pretendia. Por isso,

ela não é uma questão à margem das considerações filosóficas de Nietzsche mas, ao contrário, está intrinsecamente ligada a elas. Dessas prescrições, Montinari destaca a importância que Nietzsche conferia à leitura filológica (Montinari 7, p. 9). Eis aqui a pedra de toque do “método” de Montinari: sem um cuidado filológico prévio, toda leitura de Nietzsche está condenada ao fracasso. Uma tal declaração provocou, sem dúvida, inúmeras críticas e mal-entendidos. Queria Montinari encontrar o “verdadeiro” Nietzsche, tal como o título em italiano de seu livro sugeria? Ao valorizar de maneira tão decisiva a base filológica, não estaria negligenciando as questões filosóficas? Mas, como esquecer, por outro lado, que o próprio Nietzsche traçara o retrato ideal do seu leitor, “um leitor como eu o mereço, que me leia como velhos e bons filólogos liam seu Horácio” (*EH/EH*, Por que escrevo livros tão bons, § 5)? Ou ainda, que pretendia para *Aurora* “leitores e filólogos perfeitos”, exortando seu leitor a “aprender” a lê-lo “convenientemente” (*M/A*, Prefácio, § 5)? E que muito cedo já distinguia entre seu leitor ideal, que lê tranquilo, sem pressa e deixa de lado seus preconceitos, em oposição à voracidade do leitor de jornal (*BA/EE*, Prefácio, I)?

Atento às críticas, Montinari procurava esclarecer desde o “Ler Nietzsche” (1981), seu escrito programático acerca do tema, que a base filológica e histórica não substitui, de modo algum, a interpretação propriamente filosófica, mas que é o seu pressuposto indispensável (Montinari 7, p. 4)⁽³⁾. É ainda neste texto, ao aproximar filologia e história, que Montinari igualmente adverte, num “aditamento para especuladores”, que inserir Nietzsche historicamente, colocá-lo em confronto com o seu tempo, identificar os interlocutores que lhe eram contemporâneos, reconstruir sua biblioteca ideal, não significa sacrificar a necessária interpretação filosófica (Montinari 7, p. 6). Filologia e história não podem ser tomadas, às expensas do que Nietzsche pensava sobre isso, como possíveis substitutas da interpretação filosófica, como se esta estivesse submetida às vicissitudes do intérprete, enquanto aquelas poderiam promover uma leitura objetiva. Montinari não está reivindicando uma filologia positivista, que restituiria a “verdade” última de um texto. Até porque, ele mesmo o ressalta, a leitura de um autor como

Nietzsche nunca passa ao largo das vivências de seu leitor. A base filológico-histórica funcionaria, portanto, como uma espécie de sabedoria apolínea, indispensável ao leitor que não queira transformar Nietzsche naquilo que ele não é ou que nunca quis ser, necessária para evitar toda crítica sem fundamento, mas também toda espécie de mitificação. Entretanto, mesmo que se possa flagrar em Montinari uma intenção de objetividade, ela só pode ser atribuída à necessidade de não repetir os equívocos e os mal-entendidos dos nietzschianos e anti-nietzschianos de ontem e de hoje.

“Ler Nietzsche: O Crepúsculo dos ídolos” não é apenas mais um exemplo do procedimento adotado por Montinari. De certo modo, ele testemunha a radicalização da sua proposta. Se no “Ler Nietzsche”, filologia e história são “aproximadas”, na medida em que, lembra Montinari, a questão do “sentido histórico” em Nietzsche não se esgota no diagnóstico feito na *Segunda consideração extemporânea*, aqui filologia “é” história. Não apenas aproximadas, filologia e história constituem agora um único procedimento, tornando-se quase que sinônimas uma da outra. Entretanto, a ressalva feita no texto de 1981 permanece: o procedimento filológico-histórico é um “trabalho preliminar”, que “*sozinho* não é suficiente para a compreensão de Nietzsche, mas que pode deixar o caminho livre para ela”. E é exatamente isso que o movimento do texto vai concretizar: a passagem do procedimento “preliminar” para a “interpretação filosófica”.

Com a minúcia, a paciência e a precisão do ourives – figura que Nietzsche compara à do filólogo no mesmo “Prefácio” à *Aurora* acima citado – Montinari dissecou (para usar uma metáfora médica, tão cara ao Nietzsche da época) o texto do *Crepúsculo dos ídolos* nas seis primeiras partes que o compõem. Com o auxílio do procedimento filológico-histórico, o que vimos aparecer é um vasto painel, de onde surge não apenas o *Crepúsculo dos ídolos*, mas toda a última produção teórica de Nietzsche: os dois últimos textos sobre Wagner, *O anticristo* e *Ecce homo*, na sua necessária conexão com o projeto de uma obra intitulada *Vontade de potência*. O exame dos fragmentos póstumos permitirá a Montinari demonstrar o quanto a consideração da obra publicada exige

uma confrontação com os póstumos, para que possamos reconstituir a gênese de uma idéia ou de um conceito. Assim, ficamos sabendo, por exemplo, que a máxima que abre o livro – “A ociosidade é o início de toda psicologia. Como? Seria a psicologia um – vício?” – já existia há sete anos nos manuscritos de Nietzsche. Podemos acompanhar portanto as transformações que ela sofre desde este primeiro momento, onde se lia: “A ociosidade de Zaratustra é o início de todos os vícios”. Ora, uma análise detida destas modificações até a versão final no livro publicado permite-nos acompanhar o movimento da produção de um conceito em Nietzsche. O leitor é surpreendido pela montagem de uma extraordinária teia de relações entre obras e fragmentos póstumos, onde as sucessivas modificações dos planos inicialmente estabelecidos vão aparecendo, para dar lugar, finalmente, à forma que ganharam nos últimos livros. Movimento de ir-e-vir, como uma lançadeira, que vai, aos poucos, costurando as bordas de um texto, em princípio, velado. Trabalho da mais fina ourivesaria (da parte de Montinari), que revela a outra brilhante ourivesaria (a de Nietzsche), ao mostrar como uma frase, uma palavra, pedra bruta numa primeira aparição, alcança todo o seu brilho e valor inestimável anos depois, no texto publicado. Processo de lapidação, através do qual o pensamento de Nietzsche vai se mostrando em formação, ganhando vida em meio a tantas hesitações e flutuações.

Do mesmo modo, a nova terminologia usada por Nietzsche no livro, o “ar de hospital” que emana dele, só pode ser compreendida se Nietzsche for inserido no debate que lhe era contemporâneo. À sua leitura fundamental dos *Essais de psychologie contemporaine* de Paul Bourget e de outros franceses, acrescenta-se a do livro *Dégénérescence et criminalité* do psiquiatra Charlé Féré, um estagiário no serviço do famoso Charcot, na Salpêtrière de Paris. Pode-se, portanto, ter um entendimento mais acurado da presença de tantas análises “fisiológicas” nos textos da época e, principalmente, de que modo Nietzsche se posiciona, para freqüentemente criticar, em relação ao conhecimento médico-psiquiátrico da época. Por outro lado, detecta-se mais uma falha nas edições tão conhecidas das coletâneas intituladas como *Vontade de potência*: num dos aforismos (o de número 52 da edição conhecida

como “canônica”), uma passagem do livro de Féré, traduzida por Nietzsche, aparece como sendo do próprio Nietzsche! Chamo particularmente a atenção para o fato de que a complexa elaboração da idéia de uma “fisiologia da arte” liga-se diretamente com essas leituras de Nietzsche.

A passagem à qual aludimos acima, do procedimento filológico-histórico para a interpretação filosófica, é feita na última parte do artigo. O texto denso é, entretanto, demasiado rápido, criando, de fato, um flagrante desequilíbrio entre os dois níveis de análise. De todo modo, o que é tratado nele é absolutamente importante: Montinari considera o cerne filosófico do livro a reiteração do pensamento do eterno retorno como um pensamento da pura e total imanência, ou seja, configurando o caráter absolutamente anti-metafísico do pensamento de Nietzsche. Conclusão ousada, pois a única referência ao eterno retorno no livro é, exatamente, sua última frase, onde Nietzsche diz de si mesmo, que é “o último discípulo do filósofo Dioniso” e, por isso, é também “o mestre do eterno retorno” (*GD/CI*, O que devo aos antigos, § 5). Para chegar até ela, Montinari retoma uma idéia de Heidegger, para quem o método de Nietzsche é um “método de conversão”. Tal “conversão” acontece, de início, no plano da teoria do conhecimento, pela crítica da separação entre “mundo verdadeiro” e “mundo aparente”. A partir daí, a “conversão” atinge o plano da moral, para desmentir a igualdade entre razão, virtude e felicidade anunciada por Sócrates, afirmando, ao contrário, que a virtude é consequência da felicidade, para denunciar a limitação patológica do moralismo da filosofia grega. O pensamento do eterno retorno é “a confirmação da imanência após a morte de Deus”. Com isso, quando Montinari pensa a questão do eterno retorno, o faz exclusivamente a partir da sua concepção enquanto “imperativo ético”. A afirmação do eterno retorno significa a afirmação e a justificação da vida: “Ele é, de fato, a maior justificativa da vida e, nesta medida, está em oposição ao que calunia a vida; mas porque isto é parte da vida, é também justificado e não julgável”. Mais ainda: é o pensamento do eterno retorno que impede que o conceito de “vontade de potência” acabe por se tornar um princípio metafísico, um princípio sistematizador. O pen-

samento do eterno retorno é apresentado, enfim, como a superação da pretensão sistemática que o conceito de “vontade de potência” acabava por implicar.

Como dissemos acima, é muita coisa para pouca explicação. A tentativa de procurar esclarecer a posição de Montinari nos levaria, necessariamente, aos seus outros textos. Entretanto, gostaria de assinalar uma possível pista, a partir de uma certa observação de Karl Pestalozzi, na sua “Introdução” à tradução alemã do livro de Montinari sobre Nietzsche. Como já assinalara Wolfgang Müller-Lauter, Montinari, no seu combate à mitificação de Nietzsche e a idéia de Nietzsche como criador de mitos, na contra-mão da maioria dos intérpretes, considera-o um continuador da *Aufklärung* (Müller-Lauter 9, p. 33). Pestalozzi vai dizer-nos então, que, deste ponto de vista, o *Zaratustra* é um obstáculo, um “embaraço” para Montinari e “contra o estilo do *Zaratustra* e sua pretensão poética, ele dirigiu uma verdadeira guerra” (Pestalozzi 12, p. XI). A consequência disso tinha sido a impressão de “provisoriedade” do capítulo sobre o *Zaratustra* neste livro, cuja primeira edição italiana é de 1975. A intensa ocupação filológica com o *Zaratustra*, que culminará na publicação de todas as variantes do texto em 1991, fez com que Montinari, posteriormente, tivesse uma compreensão mais profunda desta obra. Assim sendo, em 1984, a posição central do eterno retorno na sua análise do *Crepúsculo dos ídolos* já mostra os resultados deste aprofundamento⁽⁴⁾, embora, para fugir de toda mitificação e de todo modismo, Montinari também submeta o *Zaratustra* ao seu “método” de leitura. Restaria, enfim, apontar, que permanece ainda uma questão: o lugar do conceito de “vontade de potência” que, de todo modo, precisa ser “superado”, segundo Montinari. A análise deste conceito no livro de 1975 mostra claramente a importância do livro de Wolfgang Müller-Lauter (Müller-Lauter 8), em especial sua crítica à interpretação heideggeriana, que faz dele um princípio metafísico. Entretanto, parece que em 1984, Montinari entende que exorcizar o perigo deste tipo de interpretação, supõe radicalizar o papel do pensamento do eterno retorno. E aqui residiria a originalidade deste pensamento, que segundo Pestalozzi, ele não reconhecia em 1975: é ele e não a teoria da vontade de potência, que

pode fazer-nos escapar das armadilhas da metafísica. Daí ser ele, apesar da única e breve referência no livro, o núcleo filosófico do *Crepúsculo dos ídolos*. Ousaríamos dizer que, para Montinari, o é de toda a última produção teórica de Nietzsche. Como podemos observar, a base filológico-histórica não nos garante nenhuma interpretação filosófica definitiva. Entretanto, ela nos garante algo precioso quando se trata de um filósofo como Nietzsche: impede toda interpretação abusiva.

A que tradição de leitores de Nietzsche Montinari se filiaria? É Pestalozzi ainda que nos responde: “Torna-se claro que o próprio Montinari se via naquela tradição da recepção de Nietzsche fundada por Owerbeck e Bernouilli na Basileia e que se alinhara contra as manobras do Arquivo Nietzsche de Weimar” (Pestalozzi 12, p. xiii). Uma tradição, portanto, para quem o pensamento de Nietzsche, como o declarou uma vez Owerbeck, não comporta “nenhum entusiasmo póstumo” (cit. em Montinari 7, p. 3). No limite, é como se a contribuição fundamental de Montinari pudesse ser resumida em dois pontos básicos: primeiro, o “indivíduo” Nietzsche, celebrado por sua “loucura genial” ou criticado por seu “estilo” ou “falta de sistematicidade” pode, enfim, ser restituído “como parte da história” (Campioni 1, p. xlix); segundo, sua “atualidade” reside muito mais no fato de que ele, a despeito de suas inúmeras declarações em contrário, foi um filósofo “como os outros” (Simon 13, p. 1). Estes dois pontos só ganham sua relevância, quando confrontados, seja com as leituras ditirâmbicas, seja com aquelas que criticam Nietzsche como irracionalista, ideólogo das classes dominantes, etc. Como estes dois tipos de leitura são ainda muito usuais no Brasil, a publicação deste artigo de Montinari me parece, mais do que nunca, necessária.

Em 31.05.65, Montinari escrevia de Weimar a Giorgio Colli, acerca de seu trabalho. Um trecho desta carta, devolve-nos um pouco o “homem” Montinari, debruçado sobre os manuscritos de Nietzsche. Não com devoção, mas com os instrumentos que o próprio Nietzsche lhe legara:

“Desde a última quarta-feira, estou absorvido com os *Ditirambos*. Hoje, terminei a compilação das folhas. Mas, o mais importante é que encontrei dois fragmentos, que devem ser datados de *após* o primeiro de janeiro de 1889. Creio que deverão ser os últimos de nossa edição. Um deles, decifrei inteiramente; o outro, ainda faltam algumas partes. *Até agora, ninguém os conhecia*: a respeito da decifração, realizei um milagre [...] Sigrid vai bem e manda lembranças a Ana e a ti. Amanhã, espero receber notícias tuas; escreverei de volta logo depois. Abraços, Mazzino” (Campioni 1, p. xxxv).

Abstract: This article aims to present to the Brazilian public the methodological prescriptions for reading Nietzsche offered by Mazzino Montinari in “Reading Nietzsche: the Twilight of Idols”. It aims to show that these prescriptions issue from considerations done by Nietzsche himself about the reader that he desired for his books.

Key-words: reading – philology – history

Notas

- (1) Como se sabe, o resultado do trabalho de Colli e Montinari recebeu aprovação imediata das editoras Adelphi, de Milão e Gallimard, de Paris. Só foi possível encontrar uma editora alemã, a partir da intermediação de Karl Löwith, que Colli e Montinari conheceram pessoalmente no Colóquio de Royaumont (França), em 1964 (Montinari 7, p. 20).
- (2) No Brasil, Scarlett Marton tem se ocupado bastante com esta questão. Sua conclusão é que, em geral, devemos principalmente a Heidegger e a Foucault nossa perspectiva de leitura de Nietzsche. A estes, ela opõe em um trabalho recente a perspectiva de Wolfgang Müller-Lauter (Marton 4), à qual poderíamos alinhar a de Montinari. O que não quer dizer que intérpretes como Foucault e Deleuze, por exemplo, não tivessem conhecimento do que acontecia do outro lado do Reno. Pelo contrário. Para tanto, lembramos dois fatos: 1) que foi Deleuze quem insistiu no convite a Montinari, para que ele participasse do Colóquio de Royaumont (cf. a carta de Montinari a Colli, escrita de Weimar, em 13.05.64 in Campioni 1, p. liii). Segundo Campioni, “o convite ao Colóquio de Royaumont pareceu a Montinari, de imediato, como uma oportunidade bem-vinda para tornar conhecido internacionalmente o trabalho na edição crítica e o seu significado (Campioni 1, p. li; 2). Na “Introdução” escrita por Deleuze e Foucault para a edição francesa, eles destacam a importância da edição nos mesmos termos de Montinari (Foucault 2, p. 561). Quanto a Heidegger, embora tenha morrido oito anos após o início da publicação da edição crítica, não conhecemos nenhuma alusão ao trabalho de Montinari.
- (3) O artigo “Ler Nietzsche”, que também traduzimos, deverá ser publicado em breve, na revista “Idéias”, da UNICAMP.
- (4) Acerca da análise do *Zarathustra* no livro de 1975, escreve Pestalozzi: “O destaque principal concentra-se nos filosofemas do *Zarathustra*: a doutrina do eterno retorno e a do além-do-homem. Através da análise, a doutrina do eterno retorno é relativizada na sua originalidade, na medida em que é colocada ao lado de idéias semelhantes de outros pensadores contemporâneos. É expressamente descrita, também, como um conceito-limite da racionalidade” (Pestalozzi 12, p. xi). Sobre a importância do Eterno Retorno em 1984, cf. Müller-Lauter 9, p. 39.

Referências Bibliográficas

1. CAMPIONI, G. “Die Kunst, gut zu lesen. Mazzino Montinari und das Handwerk des Philologen”. In: *Nietzsche-Studien*, 18, 1989.
2. FOUCAULT, M. *Dits et Écrits*. Paris, Gallimard, 1994, Vol. 1.
3. HAHN, K-H. “Das Nietzsche-Archiv”. In: *Nietzsche-Studien*, 18, 1989.
4. MARTON, S. “A terceira margem da interpretação”. In: MÜLLER-LAUTER, W. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. São Paulo, Annablume, 1997.
5. MONTINARI, M. *Che cosa ha veramente detto Nietzsche*. Roma, Casa Ed. Astrolabio-Ubaldine Editore, 1975.
6. _____. *Friedrich Nietzsche. Eine Einführung*. Berlin/New York, Walter de Gruyter, 1991.
7. _____. *Nietzsche lesen*. Berlin/New York, Walter de Gruyter, 1982.
8. MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche. Seine Philosophie der Gegensätze. Die Gegensätze seiner Philosophie*. Berlin/New York, Walter de Gruyter, 1973.
9. _____. “Ständige Herausforderung. Über Mazzino Montinaris Verhältnis zu Nietzsche”. In: *Nietzsche-Studien*, 18, 1989.
10. NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe* (KSA). Hrsg. G. Colli und M. Montinari, Bd. I-XV. Berlin/Ney York, Walter de Gruyter, 1980.
11. OTMANN, H. “Nachruf auf Mazzino Montinari (1928-1986)”. In: *Zeitschrift für Philosophische Forschung*, 41, 1987.
12. PESTALOZZI, K. “Vorwort” a MONTINARI, M., 6.
13. SIMON, J. “Das neue Nietzsche-Bild”. In: *Nietzsche-Studien*, 20, 1992.